

Universidade Católica de Goiás

Departamento de Psicologia

Mestrado em Psicologia

**COMPANHIA SENHORAS DO CERRADO: SUBJETIVIDADE E SAÚDE NO
PROCESSO DE ENVELHECER**

Wadson Arantes Gama

Goiânia, Goiás

2014

Universidade Católica de Goiás

Departamento de Psicologia

Mestrado em Psicologia

**COMPANHIA SENHORAS DO CERRADO: SUBJETIVIDADE E SAÚDE NO
PROCESSO DE ENVELHECER**

Wadson Arantes Gama

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *strictu senso*, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a qualificação de obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Orientadora: Profa. Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres.

Goiânia, Goiás

2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Gama, Wadson Arantes.
G184c Companhia senhoras do cerrado [manuscrito] : subjetividade e saúde no processo de envelhecer / Wadson Arantes Gama. – 2014.
63 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, 2014.
“Orientadora: Prof. Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres”.

1. Velhice – Aspectos psicológicos. 2. Política pública. 3. Artes. I. Título.

CDU 159.922.63(043)

Universidade Católica de Goiás

Departamento de Psicologia

Mestrado em Psicologia

Folha de Avaliação

Autor: Wadson Arantes Gama

Título: Companhia Senhoras do Cerrado: subjetividade e saúde no processo de envelhecer.

Esta dissertação foi apresentada à banca Examinadora como exigência Parcial para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia do Programa de Pós-graduação *strictu sensu*, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia 07 de Março de 2014

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.^a. Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres
Membro Presidente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof.^a. Dra. Cristina Viana Moreira dos Santos
Membro Convidado Externo
Universidade Paulista

Prof. Dr. Sérgio de Araújo
Membro Convidado Interno
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Prof. Dr. Cristiano Coelho
Membro convidado Suplente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Às participantes da Cia de Teatro Senhoras
do Cerrado.

AGRADECIMENTOS

Então chegou o momento de agradecer! E neste momento trago um trecho de uma poesia de Cora Coralina: Se temos de esperar, que seja para colher a semente boa que lançamos hoje no solo da vida. Se for para semear, então que seja para produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade. Foram anos para que eu chegasse até aqui, e percebi que agora era o momento e por isto agradeço a Deus pelo Dom da vida.

E a escolha do orientador outro momento difícil, mas a minha escolha já tinha sido feita há mais de 15 anos numa palestra sobre família. Eu disse é esta que eu quero, ela fala a minha linguagem. Não sairei daqui para fazer mestrado fora, pois gostaria de escrever algo que estava trabalhando nele e a querida professora Doutora Vannúzia Leal A. Pires, me acolheu, me orientou, puxou minha orelha e me fez crescer, deixando eu livre com os meus sonhos, mas me colocando no chão, com suas orientações eficazes. Por isto tudo eu lhe agradeço do fundo do meu coração.

Aos Professores Doutores: Sérgio Araújo e Cristina Vianna pela participação em minha Banca de Qualificação e de defesa da Dissertação.

Ao meu querido companheiro Mardônio Guimarães de Melo, grande incentivador dos meus estudos e pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação e cansaço.

A meu pai, Sr. Benedito Francisco Gama (*in memoriam*) gostaria de agradecer pessoalmente, mas não está mais aqui neste plano físico, mesmo com sua simplicidade foi grande apoiador para que todos filhos estudassem e fossem construtores da sua história. Mesmo com nossas dificuldades ao longo dos anos, ele sempre me apoiou nas mais variadas atividades que eu fazia.

A minha querida mãe, Vilna Batista Arantes Gama, a “Pexixica”, mulher forte, trabalhadora, sempre juntos. Incentivadora para o meu crescimento pessoal e social, ela sabe do que eu estou falando. A aprendizagem através das ações de solidariedade e compaixão dela me fizeram uma pessoa melhor.

Aos meus diletos irmãos, Watson, Karla, Wesley, Kelly que estão comigo nesta jornada familiar todo o amor do mundo.

As minhas sobrinhas, Ana Angélica, Carolina, Bethânia, Eduarda e Geovana, por fazer de mim um tio muito feliz. Um amor imensurável.

Ao meu sobrinho querido Watson Arantes Gama Jr que me espelha no seu comportamento de busca dos seus sonhos. E que me ajudou na formatação desta dissertação.

Aos meus sobrinhos netos Vitor e Mariah, continuação desta família maravilhosa que com seus olhares novos me faz ter esperança de um mundo melhor.

As Minhas amigas Ivone Félix e Adalgisa Teixeira que me incentivaram nesta empreitada, e por acreditarem em mim, toda a sorte do mundo.

A grande amiga Maria Helena pelo apoio durante o processo de construção da dissertação.

A saudosa Ruth de Sousa Martins que estava sempre na lembrança durante a construção desta dissertação, seus ensinamentos da língua portuguesa, soavam como um anjo soprando nos meus ouvidos.

*O mundo todo é um palco. Todos os
homens e mulheres são atores e nada
mais. Cada qual cumpre suas
entradas e saídas, e desempenham
diversos papéis durante os sete anos
da existência.*

(William Shakespeare)

RESUMO

Este trabalho, com base na Epistemologia Qualitativa, objetivou compreender como a subjetividade é produzida na vivência do teatro e como ela repercute no processo de envelhecimento do sujeito. Teve como participante uma senhora de 91 anos pertencente à Cia de Teatro Senhoras do Cerrado, da Secretaria Municipal de Assistência Social da cidade de Goiânia. Para a construção das informações, trabalhou-se com a participante em um processo de conversação sobre a sua vivência da interpretação de temas e poesias no teatro. Textos de diferentes autores e a arte dramática foram os instrumentos mediadores que proporcionaram a visibilidade da qualidade de vida da pesquisada, e possibilitaram a ela uma abertura para a criatividade, a construção de novos sentidos e significados de sua vida. Percebeu-se, também, como a Cia de Teatro fortaleceu o papel social da integrante frente às possíveis mudanças de paradigmas preconceituosos da sociedade em relação à pessoa idosa por meio das apresentações públicas. A pesquisada ao longo dos 15 anos na Cia de Teatro Senhoras do Cerrado pôde desenvolver vários sentidos subjetivos de envelhecimento saudável, como a autonomia, reconhecimento de suas limitações, possibilidades, feminilidade e finitude. Constatou-se que o teatro e a interpretação podem ser agentes transformadores da realidade da pessoa favorecendo o seu enfrentamento real da velhice, “sem máscaras”. A arte dramática permite que a pessoa demonstre suas dificuldades, suas mazelas, seus declínios, mas, acima de tudo, se perceba como um sujeito em desenvolvimento, que pode enfrentar suas limitações e acreditar nas suas possibilidades. Essas constatações apontam a necessidade de dar continuidade a pesquisas sobre intervenções como esta, uma forma diferente de ação da Psicologia tradicional, utilizando-se da arte poética e dramática, na busca de um sujeito completo, sem polarização de saúde e doença. .

Palavras-chaves: envelhecimento saudável, desenvolvimento humano, pessoa idosa, artes dramáticas.

ABSTRACT

The present work, based on Qualitative Epistemology, aims to understand how the subjectivity is produced in the experience of the theatre, and how it reverberates in the ageing process of the elderly subject. As a participant, this study had a lady, 91, who belongs to the theatre company *Senhoras do Cerrado*, from the Municipal Secretariat of Social Assistance in Goiânia municipality. For the gathering of information, there was developed a conversation with the participant about her experience in interpreting the poems and texts on theatre. Writings from different authors and the dramatic art were used as indicators capable to show the ageing of the studied lady, and at the same time the texts provided her an opening to creativity and production of new feelings and meanings about her ageing process. It was also possible to realize that the public presentations, provided by the theatre company, fortified the social role of the participant in relation to possible changes in the society's prejudiced paradigms related to old people. Across the 15 years of research in the *Senhoras do Cerrado* company theatre, the studied lady could produce many subjective feelings about her healthy aging. Among these, it is possible to point the autonomy, the facing of her limitations, possibilities, femininity, and finitude. It was verified that the theatre and the interpretation could be changing agents in people's reality, besides favoring their real facing of old age, "without any masks". The dramatic art allows people, herein represented by the lady, to demonstrate their difficulties, illness, declines, and, above all, their self-perception as a subject in development process; people who can face their limitation and believe in their possibilities. The present work highlights the necessity of keeping the researches about interventions as this: a different way of traditional

Psychology action, using the poetic and dramatic arts in the searching of a subject, without the polarization of wrong or right.

Key-words: healthy aging, human development, old person, dramatic arts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	16
AS VELHICES E AS POLITICAS PÚBLICAS	16
CAPÍTULO 2	22
VIVER EM CENA	22
CAPÍTULO 3	27
A SUBJETIVIDADE E A SAÚDE.....	27
CAPÍTULO 4	34
1. MÉTODO.....	34
1.1. Tipo de Investigação	34
1.2. Participante	35
1.3. Procedimentos	36
1.4. Instrumentos e a construção das informações	36
1.5. Questões éticas que foram observadas durante o projeto.....	37
CAPÍTULO 5	39
2. RESULTADO E DISCUSSÃO	39
2.1. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra	39
CAPÍTULO 6	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

INTRODUÇÃO

É difícil iniciar essa dissertação, pois são quase quinze anos de trabalho com a Cia de Teatro Senhoras do Cerrado, muitas coisas aconteceram nesses anos todos. O próprio nome da Cia é uma alusão às flores do cerrado, que mesmo em um ambiente aparentemente inóspito apresentam-se fortes, vistosas e belas. Neste trabalho com a pessoa idosa de enfrentamento real da velhice numa sociedade que rejeita e a coloca fora dela, utilizar técnicas teatrais, textos de autores que retratam as demandas advindas destas Senhoras, mostra uma psicologia realmente voltada para o desenvolvimento da subjetividade e saúde no processo de envelhecer.

Rey (2007) afirma que o processo psicoterápico não se restringe ao consultório, considera que se trata de uma prática passível de ocorrer em qualquer espaço de subjetivação, como hospitais, tribunais, escolas, já que suas características mais importantes são o vínculo, o diálogo e a produção de sentidos.

A História da Cia Senhoras do Cerrado, hoje vinculada à Secretaria Municipal de Assistência Social [Semas], se originou dentro da extinta Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário [Fumdec], em 1998. O grupo nasceu com o objetivo de trabalhar a autoestima e a feminilidade da mulher idosa, reforçando a importância dos seus direitos de cidadã (Composto integralmente por idosas, com idades entre 60 e 91 anos).

A primeira montagem teatral da Cia foi **FESTA NO CÉU**, de 1998. A peça tratou do preconceito de gênero e idade. A adaptação do conto popular ficou em cartaz por um ano na capital, sendo apresentada também em várias cidades do interior do estado.

Em 1999, a companhia montou o espetáculo **COLCHAS DE RETALHOS**, que faz uma reflexão do processo de desenvolvimento humano e de envelhecimento, além de questionar as políticas públicas voltadas para a pessoa idosa. Com esta peça o grupo rompeu as fronteiras do estado, se apresentando, em 2000, em São Paulo, no centro de convenções Anhembi dentro do I Mostra Nacional de Práticas em Psicologia.

Em 2002, a companhia mostrou o universo feminino em **VÊNUS DESNUDA**. A peça retratou os sonhos, as angústias, as tristezas e felicidades da mulher. Em 2005, o grupo levou para o palco do Teatro Goiânia o **FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA** (Pedro Bandeira), que faz referências aos clássicos contos de fada e à literatura oral. No enredo está presente o jogo constante entre realidade e fantasia, e observações divertidas sobre o processo de criação do escritor.

No ano de 2008 foi para os palcos o espetáculo **VIVER**, nele o grupo abordou, de forma poética e dinâmica, o processo de envelhecimento humano. O roteiro é recheado de textos de escritores que retratam poeticamente a vida humana. **VIVER** é resultado de um trabalho inter-geracional. A concepção do figurino e do cenário, por exemplo, é de adolescentes aprendizes. A aproximação da adolescência e a senescência faz-nos perceber o que Cora Coralina (poetiza Goiana) já dizia: “Eu venho do século passado e trago comigo todas as idades”. A peça leva para o palco os sentimentos que permeiam todas essas idades: alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, paixão e loucura, esperança e desesperança, amor e ódio, sexo e celibato, graça e desgraça, sorte e azar. O Espetáculo foi apresentado em vários teatros da capital, bem como em hospitais, creches e instituições educacionais.

E em 2011 o espetáculo **SORRISO DE ORELHA A ORELHA** trouxe o *stand up comedy* piadas e esquetes da vivências das componentes do grupo. A alegria das Senhoras contagiou vários palcos da capital e do interior do estado de Goiás.

Já em 2013, **CORAÇÃO DOCE** é baseada em textos de Cora Coralina uma mulher que viveu além do seu tempo, retratando com maestria em poemas e contos a alma feminina. A peça aborda as verdades e inverdades das senhoras com mais de 60 anos - preconceito racial, social, criação de filhos e sexualidade. Este trabalho foi apresentado na II Mostra de Práticas em Psicologia na cidade de São Paulo no ano de 2013.

Neste momento acadêmico busco analisar e compreender todo este processo de intervenção no grupo das senhoras e produzir assim um conhecimento que possa contribuir para o desenvolvimento da Psicologia, pesquisando sobre a subjetividade produzida na vivência do teatro e como ela pode estar relacionada ao processo de envelhecer com saúde.

Na tentativa de produzir conhecimento que atendesse a essa temática, este estudo foi realizado na perspectiva das teorias da subjetividade e da saúde de Fernando González Rey. O referido autor (Rey,2005a) afirma que o sistema do organismo humano, em relação a uma definição de saúde, representa uma organização complexa e holística, que integra de formas diversas os diferentes processos participantes no desenvolvimento saudável, um dos quais, sem dúvida, é a sua dimensão subjetiva, que, apesar de sua natureza social, não esgota outros aspectos que intervêm no desenvolvimento da saúde. Rey (2005a, p. 15) define subjetividade como: “a organização dos processos de sentido e de significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”.

O presente estudo teve como objetivo geral analisar e compreender a subjetividade produzida no decorrer da experiência do teatro por uma integrante da CIA e as consequências dessa subjetividade no seu processo de envelhecimento,

configurando um estudo de caso. Como objetivo específico, buscou-se conhecer a sua história singular, bem como os contextos social e cultural nos quais vive , mas sem perder de vista toda a produção que advém da experiência do pesquisador com as outras senhoras da CIA.

Uma das principais relevâncias deste trabalho é a de cunho social, o qual pretendeu demonstrar a importância da intervenção da psicologia social nesses grupos de convivência, propiciando um espaço dialético para que o sujeito participante tivesse oportunidade de enfrentar as questões pertinentes dessa faixa de idade e pudesse fazer escolhas saudáveis para a sua vida.

CAPÍTULO 1

AS VELHICES E AS POLITICAS PÚBLICAS

Um dos fenômenos demográficos mais significativos do mundo contemporâneo, o envelhecimento populacional afeta países desenvolvidos e em desenvolvimento. Estima-se que o número atual de pessoas com mais de 60 anos corresponda, atualmente, a 750 milhões. Hoje, 65% das pessoas idosas vivem em país em desenvolvimento, percentual que atingirá os 80% em 2050, ano em que a população idosa alcançará a marca de dois bilhões, cerca de 22% da população mundial (Ministério das Relações Exteriores [MRE], 2013).

Segundo MRE (2013), a pirâmide populacional no Brasil, tende a assumir a forma retangular, com taxa de reposição zero – para cada indivíduo que morre lá em cima, no topo, um indivíduo nasce na base, aqui em baixo; é o que ocorre em alguns países europeus, como na Itália. Então os investimentos nas duas pontas da população poderão ser mais equilibrados. No Brasil, estamos em fase de transição da representação da pirâmide para a forma retangular. Mas chegaremos lá, e não levará muito tempo porque a expectativa de vida no país está se alongando rapidamente.

Pode-se concluir que se vive mais no Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2011) constata que há quase 30 mil pessoas no país que já passaram dos 100 anos de idade; sendo, em média, 25 anos a mais do que na década de 1960. E nesta vida mais longa há uma prevalência das mulheres, tanto é que em 2011 a taxa de participação das mulheres foi de 51,04% da população nacional. Mas esta maioria feminina é de pessoas com mais de 60 anos. Segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios [PNAD] (IBGE, 2011), as mulheres nessa faixa etária são 13.111 milhões, que representam 55,53% das pessoas nesses grupos de idade.

A transformação da velhice em problema social não pode ser compreendida como resultado mecânico do aumento da população idosa, como mostrou Lenoir (1979). Um problema social é uma construção social e não o puro resultado do mau funcionamento da sociedade. A constituição de um problema social supõe um trabalho em que, segundo esse autor, estão envolvidas quatro dimensões: reconhecimento, legitimação, pressão e expressão (Debert & Oliviera, 2009).

O reconhecimento implica tornar visível uma situação particular. É a conquista de uma situação pública e supõe a ação de grupos socialmente interessados em produzir uma nova categoria de percepção do mundo social, a fim de agir sobre ele. A legitimação não é a consequência automática do reconhecimento público do problema. Ao contrário, ela supõe o esforço para promovê-lo e inseri-lo no campo das preocupações do momento.

No caso de transformação da velhice em problema social, essa questão é, segundo Lenoir (1979) especialmente importante. Diferentemente de outras categorias, os velhos não dispõem de meios sociais nem de instrumentos de acesso à expressão pública.

As formas de pressões se traduzem em formas de expressão que consagram determinadas convenções sobre velhice, período, que é, certamente, o estágio mais longo da vida.

Segundo Debert e Oliveira (2009), os primeiros estudos sobre esse seguimento populacional caracterizavam a velhice como uma situação marcada pela decadência física e perdas de papéis sociais, posto que as sociedades modernas não previam um papel específico ou uma atividade para os velhos, abandonando-os a uma existência sem significado.

Contudo, a partir da década de 70 estudos realizados procuraram caracterizar a diversidade no interior desse segmento, chamando a atenção para heterogeneidade das experiências de envelhecimento no que diz respeito particularmente às diferenças socioeconômicas, étnicas, de gênero e de religião, mostrando como essas clivagens sociais levam a formas e experiências de discriminação e estigma distintas (Debert & Oliviera, 2009).

Conforme Beauvoir (1970), a velhice se altera segundo as épocas e os lugares. A autora salienta que para compreender a realidade e o significado da velhice é indispensável examinar qual o lugar nela atribuído aos velhos, qual a imagem que deles se tem em diferentes períodos, lugares e cultura.

Para Lopes (2005), a velhice, como categoria universal, não existe isoladamente. Existe sim, um indivíduo com características singulares, um ser único em constante processo de transformação constituído por um organismo biológico, inserido numa determinada cultura e momento histórico, os quais, em nossa opinião, geradores de sentidos e significados únicos.

Barcelar (1999) afirma que a ideia de velhice não comporta um só conceito, porque não há equivalência sobre características de uma pessoa em determinada idade, isto é, a idade cronológica pode não ser idêntica à biológica e social do indivíduo. A experiência psicológica para Stoppe e Vaughan (1999) resulta em interpretações individuais do passado, presente e futuro. As diferenças individuais na experiência do tempo aumentam com a idade, assim como a complexidade da percepção individual do tempo.

Segundo Neri (2001) o conceito social da velhice refere-se primeiramente aos comportamentos associados aos papéis etários que uma dada sociedade prescreve para seus membros. A idade social diz respeito à avaliação do grau de adequação de um

indivíduo ao desempenho dos papéis e dos comportamentos esperados para as pessoas de sua idade, num dado momento da história de cada sociedade. Dessa forma, as experiências de envelhecimento e velhice podem variar no tempo histórico de uma sociedade, dependendo das circunstâncias.

Com estes estudos a velhice emerge diferente, contrariando a visão de uma fase como uma situação de perdas e os estereótipos negativos para realçar os ganhos que o envelhecimento traz.

Nesta perspectiva segundo Debert e Oliviera (2009) os estágios mais avançados da vida passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca de prazeres, da satisfação e da realização pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados propiciam aos mais velhos oportunidades de explorar suas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos.

No entanto, precisamos nos atentar para a coexistência dessas visões distintas da velhice e para o modo através do qual as políticas públicas consagram uma ou outra visão. Considerar que as políticas públicas não são apenas respostas aos problemas sociais, mas são ativas na produção de convenções sobre a definição de seu público alvo, exige um olhar atento para o modo como concepções muito distintas do que é a velhice podem conviver em mesmo contexto nacional e dar dinâmicas distintas ao funcionamento de diferentes instituições (Debert & Oliviera, 2009).

As autoras prosseguem dizendo que o Brasil teve um papel ativo na criação de propostas, leis, decretos e medidas voltadas para esse segmento da população idosa. Nossa Carta Constitucional e o nosso Estatuto da Pessoa Idosa são, certamente, dos mais avançados no mundo. Essas leis abrangem temas, propõem medidas e estabelecem direitos segundo uma concepção inegavelmente de inclusão de setores sociais e

movimentos sociais atuantes na área. No entanto, vivemos em meio a uma persistente desigualdade social no acesso aos direitos da cidadania, e este é nosso intrincado paradoxo. Para as autoras, o Brasil apresenta essa desigualdade de modo acirrado e crônico, posto que suas burocracias estatais são muitas vezes incapazes de cumprir suas obrigações com eficiência razoável.

Esse quadro acaba por determinar um tipo de estado que mistura características democráticas e autoritárias. Essa mistura, resulta numa espécie de truncamento do exercício pleno da cidadania, tão bem qualificado por expressões como “cidadania contraditória” (Santos, 1979), ou ainda cidadania em meio a uma “democracia disjuntiva” (Caldeira & Holston, 1999).

Se esse é o contexto mais amplo em que se delineiam dilemas de difícil solução, ele impõe aos estudiosos empreendimentos cada vez mais detalhados no sentido de entender os meandros concretos e as relações sistemáticas que compõem o campo da autoridade pública no que concerne à defesa de direitos garantidos pela lei, contudo, ainda não inteiramente assegurados na prática da cidadania (Debert & Oliviera, 2009). Contudo, nos últimos anos tem crescido o número de grupos de convivência de pessoa idosa e de universidades para essa população. Com uma capacidade de mobilização impressionante essas iniciativas tem promovido de maneira muito evidente a redefinição de valores, atitudes e comportamentos dos grupos mobilizados. Esse movimento tem ajudado na criação de espaços para novas aprendizagens e redimensionamento da vida dos idosos a partir da oportunidade de viverem experiências de forma mais significativa e participativa.

A intervenção da Psicologia nestes grupos propiciam espaços para o enfrentamento positivo da velhice, utilizando textos dramáticos da literatura que reflitam as demandas vividas por estas senhoras, por sua vez dramatizadas no palco. A produção

de sentido subjetivo dentro da vivência de cada integrante busca sempre a saúde psíquica? De acordo com Rey (2005b), o uso de instrumentos que não se apoiam na palavra escrita, mas na oralidade possuem uma riqueza como modelo da vida real facilitando o envolvimento do sujeito pesquisado em nível subjetivo. O autor explicita ainda que estes instrumentos operam de forma interativa e possibilitam o enfrentamento de situações-problema. No caso desta pesquisa, com uma senhora da Cia, ela foi convidada a tomar decisões, tirar dúvidas e a fazer reflexões favorecendo suas expressões mais espontâneas e o envolvimento, sendo um momento privilegiado para a produção de sentidos subjetivos.

CAPÍTULO 2

VIVER EM CENA

...Numa ânsia de vida eu abria

o voo nas asas impossíveis

do sonho...

Cora Coralina

TEATRO – Palavra derivada do latim *theatrum*, esta, por sua vez, do grego “*théatron*”, que significa “lugar de onde se vê” (Vasconcellos, 2009).

De acordo com Brandão (1985), em seu livro **Teatro Grego: Tragédia e Comédia**, o teatro surge como novidade artística na Grécia do século V a.C., trazendo normas estéticas, temas e convenções próprias. Segundo Aristóteles (384-322 a. C.), as principais formas dramáticas então conhecidas, a tragédia e a comédia, evoluíram, respectivamente, do ditirambo (poesia lírica que exprime entusiasmo ou delírio) e das canções fálicas. O passo decisivo para a fixação e evolução desse teatro foi, sem dúvida, a instituição do Estado dos concursos públicos, em 534 a. C., o que coincide com a estabilização do governo democrático em Atenas. A regulamentação dos concursos exigia a inscrição, por candidato, de três tragédias e um drama satírico. Ao lado de trinta peças Gregas que sobreviveram de mais de mil escritas só no século V, a obra teórica de Aristóteles, infelizmente fragmentada constituem os principais documentos que temos para embasar nosso conhecimento do que foi o teatro grego. E que pertencem a três tragediógrafos, Ésquilo (525-456 a. C.), Sófocles (496-406 a. C.) e Eurípedes (484-406 a. C.), e a um comediógrafo, Aristófanes (448-380 a. C.).

A vitalidade do teatro grego decaiu após o século I d.C. Com a supremacia de Roma em toda a parte oriental do Mediterrâneo, os modelos da cultura grega foram, gradativamente, sendo substituídos. As marcas do teatro grego, contudo, se fazem sentir hoje no melhor do teatro do Ocidente.

Em seu livro **Arte Poética** Aristóteles (1993) examinou peças teatrais como uma forma de arte separada e discutiu como elas diferiam da poesia épica. Ele deduziu os elementos essenciais à criação de uma tragédia bem-sucedida. Pelos dois mil anos seguintes as diretrizes de Aristóteles constituíram a base para a composição dramática. Entres essas ideias, ele estabeleceu a unidade do tempo, espaço e ação. O desenredar da trama deve surgir da própria trama: dentro da ação nada deve ser irracional. As personagens devem revelar-se, não apenas pelo que fazem, como também por sua inclinação moral (*ethos*), e por sua forma de raciocínio (*dianoia*). O referido autor definia dramaturgia como a organização de ações humanas de forma coerente provocando fortes emoções ou um estado irreprímível de gozo ou maravilhamento.

Para Yves (1994) dramaturgia é a arte de composição do texto destinado à representação feita por atores. A palavra drama vem do grego e significa ação. Desse modo, o texto dramático é aquele que é escrito especificamente para representar a ação.

A palavra "poema" deriva do verbo grego "*poein*" que significa "fazer, criar, compor". A literatura grega teve grande importância nas composições literárias de várias épocas e culturas. Aristóteles argumenta que (Aristóteles, 2013, p.3):

há necessidade de precisar o que é o nome e o que é o verbo, depois o que é a negação e a afirmação, a declaração e o discurso. Há sons pronunciados que são símbolos dos sons pronunciados. E, para comparar, nem a escrita é a mesma para todos, nem os sons pronunciados são os mesmos, embora sejam as afecções da alma – das quais esses são os sinais primeiros - idênticas para todos, e também são precisamente idênticos os objetos de que essas afecções são as imagens.

Poesia de acentos épicos fascina pelo que diz das transformações culturais de nossos tempos e pela beleza sutil que irradia: fala por nós, fala de nós e fala dos mundos que nossa ânsia de conhecimento não esgota, projetando-se num futuro ainda mais longe de chegar. Se, para os navegadores antigos como lembra Pessoa, *navegar é preciso; viver não é preciso*, ler a sua poesia é preciso, agora e sempre (Lopes 2004).

O teatro para Boal (2004) no sentido mais arcaico do termo, é a capacidade dos seres humanos de se observarem a si mesmos em ação. Os humanos são capazes de se ver no ato de ver, capazes de pensar suas emoções e de se emocionar com seus pensamentos. Podem se ver aqui e se imaginar adiante, podem se ver como são agora e se imaginar como serão amanhã.

Boal (2004) relata que na antiquíssima lenda chinesa, Xuá-Xuá, ao perder o filho, encontrou-se a si mesma e descobriu o teatro. Quando ela renunciou a ter seu filho totalmente para si, aceitando que ele fosse um outro, outra pessoa, ela se viu separada de uma parte de si mesma. Então, ela foi ao mesmo tempo atriz e espectadora. Agia e observava: era duas pessoas em uma só – ela mesma! Era espect-atriz. Como somos todos espect-atores. Descobrimo o teatro o ser se descobre humano. O teatro é isso: a arte de vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo.

O teatro é uma atividade artística que exige o talento e a energia de muitas pessoas — desde a primeira ideia de uma peça ou cena até o último eco de aplauso. Sem esta interação não há lugar para o ator individualmente, pois sem o funcionamento do grupo, para quem iria ele representar, que materiais usaria e que efeitos poderia produzir (Spolin, 2010, p. 8)?

Spolin (2010) discorre que da diversidade de elementos que a palavra teatro apresenta, é consensual que sua essência reside na transformação do ator em personagem. Apesar de aparentemente simples, essa definição não pode excluir que, da

passagem de um para o outro, há um complexo processo e uma série de questões a serem consideradas.

Boal (2004) define a linguagem teatral como humana por excelência, a mais essencial. Sobre o palco atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e a todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia.

Só uma arte assim pode absorver inteiramente o espectador, fazendo-o, a um só tempo, enriquecendo sua vida interior e deixando impressões que não se desvanecerão com o tempo, Stanislavski (2012, p. 45):

Indiquei-lhes, hoje, em linhas gerais, o que consideramos essencial. Nossa experiência levou-nos a crer firmemente que só o nosso tipo de arte, embebido que é nas experiências vivas dos seres humanos, pode reproduzir artisticamente as impalpáveis nuances e profundezas da vida.

A expressividade dramática evidencia a tendência do ser humano para a representação, experimentando papéis e vivendo situações. A capacidade de representação dramática está presente tanto nos jogos de faz-de-conta quanto num espetáculo de teatro representado por atores profissionais, assumindo diferentes formas que se desenvolvem através de um processo evolutivo e construtivo dos participantes (Koudela, 1984).

Para Goffman (1959), as ações do cotidiano são concebidas como o prosclênio, a partir do qual as pessoas poderão desmascarar a identidade que foi forjada nos bastidores, escondido do público. Para o autor, o relacionamento humano assume a qualidade de uma máscara. Cada pessoa, assim, se veste de uma persona, e essa persona, por sua vez, deve revelar um eu apropriado para cada ocasião e, ao mesmo tempo, esconder um “*self*” que, se revelado, poderia inibir, embaraçar ou distorcer o seu propósito. Todo ser humano é ciente dessa personificação, mas, de qualquer forma, a

meta última dos dramas naturalistas representados no teatro da vida é desvendar o drama escondido, e os atores reais, no teatro secreto da mente.

CAPÍTULO 3

A SUBJETIVIDADE E A SAÚDE

A 1ª Conferência Internacional sobre promoção da saúde, em Ottawa, Canadá em 1986, conhecida como Carta de Ottawa, define promoção da saúde como “o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo”. O documento assume que a saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida.

Vários pesquisadores discutem o tema, promoção da saúde, dentre eles, Buss (2000, p. 165), que afirma:

A promoção da saúde está associada a um conjunto de valores: qualidade de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria, entre outros. Refere - se também a uma combinação de estratégias: ações do Estado (políticas públicas saudáveis), da comunidade (reforço da ação comunitária), de indivíduos (desenvolvimento de habilidades pessoais), do sistema de saúde (reorientação do sistema de saúde) e de parcerias Inter setoriais. Isto é, trabalha com a ideia de responsabilização múltipla, seja pelos problemas, seja pelas soluções propostas para os mesmos.

O físico Fritjof Capra (Capra, 1982) em seu livro **Ponto de Mutação** afirma que a assistência a saúde consistirá em restaurar e manter o equilíbrio dinâmico de indivíduos, famílias e outros grupos sociais. O autor enfatiza que significará pessoas cuidando de sua própria saúde, individualmente, como uma sociedade, e com a ajuda de terapeutas. Essa espécie de assistência à saúde não pode ser simplesmente “fornecida” ela tem que ser praticada. E encerra dizendo que será importante considerar a interdependência de nossa saúde individual e a dos sistemas sociais e ecológicos em que estivermos inseridos.

O mesmo autor (Capra, 1996) relata que quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser

entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes.

Capra (1996) afirma que na visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, essas partes não são isoladas, e a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes.

Tendo em vista o objetivo da presente pesquisa, o referencial teórico que sustenta esta é a teoria da subjetividade na perspectiva histórico cultural desenvolvida por Rey (2003). Para desenvolvê-la, o autor parte da proposição de que o homem é constituído a partir de sua flexibilidade durante sua história de vida, processo durante o qual seu pensamento atua por meio de situações que provoquem sua emoção. Nessa perspectiva, o exercício do pensamento vai além do exercício da linguagem. Entre o pensamento e a linguagem “existe uma relação complementar, e também contraditória, em que um não se reduz ao outro, e nem é explicado pelo outro” (Rey, 2003, p. 235).

Segundo Rey (2011), tanto os processos de prevenção quanto de promoção da saúde precisam atuar sobre as configurações subjetivas dos comportamentos atuais dominantes nas pessoas e na população. Muitas das rotinas cotidianas das pessoas são produções subjetivas que foram naturalizadas por elas e pelas sociedades e, como resultado desse processo, muitas se tornam resistentes a mudanças. O autor afirma que as configurações não aparecem nos focos atuais priorizados pela pessoa em sua vida, o que dificulta muito a transformação desses comportamentos. Para ele precisamos superar tanto o individualismo como o determinismo sociológico, este último centrado nos fatores macrossociais e ignorando o desenvolvimento do indivíduo como sujeito

ativo da saúde e dos diferentes espaços sociais onde vive. Em síntese, o autor propõe uma integração dos aspectos sociais e individuais, assim como recuperar a pessoa na condição de sujeito nos processos de saúde e doença.

Rey (2011) desenvolve a teoria da subjetividade como dimensão importante das políticas sociais orientadas à integração das pessoas às suas condições de vida numa relação ativa e contraditória, dirigida a estimular seus posicionamentos ativos o que, segundo ele, representa um aspecto importante na produção de novos tecidos sociais no interior de uma população. Como diz:

Cada sujeito vai produzir as respostas que tiverem ao seu jeito de ser, de viver e conviver. Pois a subjetividade é constituída com o externo e com as transformações internas, isto não em forma de síntese, mas dando qualidade única do seu agir, promovendo seu bem estar, a sua saúde física, psíquica e social. Cada indivíduo se constitui dentro de sua singularidade (Rey, 2011).

Subjetividade social não se opõe a objetivo, mas é expressão da objetividade cultural e historicamente produzida. A cultura na qual o sujeito está inserido, caracterizada por formas de relações sociais, faz com que o homem produza sentidos e saia do âmbito da simples satisfação de necessidades para a esfera das motivações (Rey, 2007). O conceito de subjetividade social para Rey é levar os psicólogos a romper com a ideia da subjetividade como sendo um fenômeno individual, mas pretende, ao contrário, apresentá-la como um sistema complexo ligado aos processos nos quais o sujeito está inserido em seu processo de desenvolvimento.

As subjetividades social e individual relacionam-se de maneira dialética e uma não se sobrepõe à outra, são momentos de um mesmo sistema que produzem sentidos implicados com a história de vida do sujeito e o momento atual da experiência vivida que se configuram em suas ações manifestadas em outros contextos de atuação. Desta forma a subjetividade individual: “[...] indica processos e formas de organização da subjetividade que ocorrem nas histórias diferenciadas dos sujeitos individuais. Portanto,

ela delimita um espaço de subjetivação que contradiz e de forma permanente se confronta com os espaços sociais de subjetivação” (Rey, 2007, p.141).

A subjetividade é simultaneamente social e individual, o que marca o sujeito do social e do individual é a capacidade geradora da psique em articular e romper esses aspectos dicotômicos impostos pela realidade dada que não se decompõem, mas que expressam o seu caráter dialógico, dialético, contraditório e recursivo (Rey, 2005b).

O substrato da subjetividade social segundo Rey (2005a) forma-se através do senso comum, do cotidiano, das manifestações do inconsciente coletivo e da intencionalidade dos sujeitos sociais. Portanto, a autonomia social baseia-se na forma como o indivíduo reage ao contexto que vive, dependendo do grau de auto repressão.

Para Rey (2003), o sujeito é uma expressão singular que manifesta sua história de vida e um movimento social particular por meio de uma emocionalidade que se desdobra em sentidos subjetivos diversos que o implica em posicionamentos e ações diferenciadas diante da experiência vivida. Portanto, a mesma experiência jamais será sentida e entendida da mesma forma. Por sentidos subjetivos pode-se entender especificamente:

[...] a integração de uma emocionalidade de origens diversas que se integra a formas simbólicas na delimitação de um espaço da experiência do sujeito. No sentido subjetivo integra - se tanto a diversidade do social quanto a do próprio sujeito em todas as suas dimensões, incluindo a corporal. As emoções associadas à condição de vida do sujeito se integram em sua produção de sentido (Rey, 2009, p. 127).

Então o sentido subjetivo define-se como “unidade inseparável do simbólico e o emocional, onde um evoca o outro sem estar determinado por ele” (Rey, 2002, p. 25). É uma produção do sujeito na sua relação com o mundo, tornando a realidade subjetiva, alimentando-se constantemente da experiência vivida, não só as ações do sujeito no momento atual, mas também dos sentidos historicamente configurados nesse sujeito. Não há sentido universal, ele se caracteriza como produção singular, pois todo sentido

subjetivo traz a marca da história do sujeito e de sua ação nos contextos atuais de sua vida.

Segundo Rey (2005b), o sentido subjetivo pode ser compreendido como uma complexa combinação de emoções e processos simbólicos, vivenciados em diferentes momentos e diversas esferas processuais da vida dos sujeitos. Em suas palavras: "toda a emoção que se integra em uma cadeia de produção de emoções em qualquer espaço da vida humana (...), não se reprime, e não atua como uma entidade invariável, mas como uma processualidade constante" (Rey, 2005b, p 14).

Quanto a isso (Rey 2005b, p. 38) expressa:

As emoções evocam expressões simbólicas, da mesma forma que as produções simbólicas expressam emoções, o que não define o lugar privilegiado de uma relação à outra na produção subjetiva, mesmo que o sentido subjetivo sempre se produza em um espaço simbólico.

Assim, o sentido subjetivo se organiza a partir das diferentes produções humanas, e, à medida que a pessoa atua em diferentes contextos e os qualifica à sua maneira, novos sentidos subjetivos podem emergir e alterar os sentidos subjetivos iniciais que correspondiam à configuração subjetiva dominante em relação a essa experiência (Rey, 2007).

O mesmo autor destaca que, os diferentes processos da subjetividade social têm implicações para a saúde humana, e sua visualização não ocorre de maneira direta e linear, numa relação de causa e efeito, mas pelas diferentes representações sociais e crenças dos pacientes. As ações do sujeito são inseparáveis da "teia de sentidos" subjetivos que vai se organizando nesse processo.

Uma reflexão sobre saúde é inseparável da definição da categoria sujeito, pois permite-nos a visualização do modo como a pessoa se coloca em relação aos diferentes processos subjetivos que se organizam ao longo de sua vida.

Por esta razão, retrataremos o sujeito a partir da noção de autonomia a qual Morin (1996) relaciona com o conceito de auto-organização, ou seja, a pessoa numa relação de recursividade com o social. Somos seres independentes, mas ao mesmo tempo dependentes do meio em que vivemos. Assim, o sujeito ao mesmo tempo constitui e é constituído pelos diferentes contextos sociais que tomam forma em sua história de vida, configuram do diferentes sentidos subjetivos associados a esses momentos. Como reiterado, a subjetividade não é macrocategoria que está acima das pessoas, mas se expressa na tensão permanente entre social e individual, onde o sujeito representa momento de processos de subjetivação que se organizam de maneira única e singular nas diferentes pessoas. Desse modo, pensar a categoria sujeito nos remete a uma visão mais complexa:

Creio que essa noção de sujeito nos obriga a associar noções antagônicas: a exclusão e a inclusão, o seu, o ele e o se. Para isto, é necessário o que chamarei de um pensamento complexo, ou seja, um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados [...] Penso que é esse o trabalho que precisa ser feito para que emergja a noção de sujeito. Do contrário, só continuaremos dissolvendo-o e transcendentalizando-o, e não chegaremos a compreendê-lo jamais (Morin, 1996, p. 55).

Para Rey (2003), na definição de sujeito está implícita a ideia do social como momento de subjetivação para a pessoa e não como determinante externo de seus processos individuais, pois o social assim como o individual são sistemas que se organizam e se articulam a partir de tensões e contradições e não se reduzem um ao outro, integrando-se de forma complexa na categoria subjetividade. Portanto nas palavras de (Rey, 2004, pp. 17-25):

Associado ao condicionamento social, o indivíduo também tem um papel ativo no seu modo de vida, condicionado pelo nível de desenvolvimento de sua personalidade, pela cultura e por sua experiência, sendo que tudo isso aumenta suas potencialidades de tornar-se sujeito ativo do seu comportamento (...).

A forma como o sujeito vai construindo sua saúde depende da cultura na qual está inserido e na formação ativa de sua personalidade. . Uma orientação passiva da

personalidade, reflete o modo de desenvolvimento de hábitos inadequados para saúde.

(Rey, 2009)

Rey (2011) afirma que a ação e os nossos comportamentos são um recurso importante de produção de sentido subjetivo; é por isso que a diversidade de atividades – tempo que podemos desenvolver – é um importante recurso de mudanças dos aspectos subjetivos e das próprias operações sensório-motoras e cognitivas envolvidas nessas atividades, o que facilita novos espaços de produção subjetiva, processo que sempre beneficia a saúde.

CAPÍTULO 4

1. MÉTODO

1.1. Tipo de Investigação

Este trabalho não teve hipóteses *a priori*. Isto se justificou pela epistemologia qualitativa que, conforme evidencia Rey (2002), permite transformar o conhecimento em um exercício da relação entre o pesquisador e o sujeito participante. Sua proposta metodológica enfatiza a pesquisa como processo dialógico, que implica tanto o pesquisador quanto as pessoas que são objeto da pesquisa, em sua condição de sujeitos do processo, no decorrer do qual as hipóteses vão sendo construídas pelo pesquisador que resgata a condição de pensar sobre o fenômeno em questão.

A pesquisa assumida sob essa perspectiva, como defende Rey (2002), se apresentou como um processo irregular e contínuo, dentro do qual são abertos, de forma constante, novos problemas e desafios pelo pesquisador, que, longe de seguir uma linha rígida que organize os diferentes momentos do processo se orienta por suas próprias ideias, intuições e opções dentro da complexa trama da pesquisa. Tais processos corroboram para que o pesquisador possa levar em conta uma nova forma de compreensão em que se devem considerar tanto a multiplicidade de processos, ainda que aparentemente irrelevantes, como a diversidade de suas articulações, das quais podem emergir novos processos (Neubern, 2005).

Portanto, a pesquisa apoiada na epistemologia qualitativa proposta por Rey (2002) tem entre seus objetivos essenciais a produção de modelos teóricos complexos e dinâmicos capazes de gerar inteligibilidade sobre os complexos da subjetividade humana, os quais são inacessíveis às metodologias tradicionais.

Rey (2002) expressa que a epistemologia qualitativa corresponde às exigências epistemológicas inerentes ao estudo da subjetividade permitindo a produção teórica acerca da realidade “plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica do fenômeno”.

Diante do exposto, assumir uma posição em que se leve em conta a epistemologia qualitativa tem consequências metodológicas como afirma Rey (2002) que propõe três princípios:

1. O conhecimento é uma produção construtiva-interpretativa. Seu caráter interpretativo é gerado pela necessidade de dar sentido a expressões do sujeito.
2. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento enfatiza que a relação pesquisador-pesquisado é uma condição para o desenvolvimento da pesquisa.
3. O significado da singularidade como nível legítimo da produção do conhecimento. Quando trabalha com o sujeito como singularidade, o identifica como forma única e diferenciada de constituição subjetiva, utiliza a singularidade como momento diferenciado e subjetivado.

1.2. Participante

Um dos critérios para a inclusão do sujeito participante foi a manifestação do interesse e disponibilidade para fazer parte do processo de produção de conhecimento, respeitando a Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003 do Estatuto do Idoso Brasileiro que preconiza a garantia de prioridade para a pessoa idosa, os direitos à vida, à dignidade, à seguridade social, ao esporte, ao lazer, à cultura, à moradia, num sistema de

proteção. Esta lei define as obrigações das instituições para idosos e prevê sanções em caso de violação de seus direitos.

Os critérios de exclusão foram: idade inferior a 60 anos e recusar a assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Participou desta pesquisa uma senhora de 91 anos que para preservar sua identidade será identificada pela alcunha da flor do cerrado goiano, **Sempre Viva**. Ela foi assídua na Cia de teatro Senhoras do Cerrado desde 1998.

1.3. Procedimentos

Inicialmente, apresentou-se ao grupo da CIA a proposta do estudo, sua finalidade, e os meios utilizados para a construção das informações. Abriu-se um espaço para que manifestassem desejo de participar da pesquisa, partindo-se do princípio da espontaneidade e respeito à vontade das mesmas.

O número dos sujeitos estudados respondeu a um critério qualitativo, “a informação expressa por um sujeito concreto pode converter-se em um aspecto significativo para a produção de conhecimento, sem que tenha de repetir-se necessariamente em outros sujeitos (Rey, 2005a)”.

O momento empírico realizou-se no espaço de ensaio da Cia no Teatro Inacabado na cidade de Goiânia. As informações produzidas foram registradas através de digitação em um notebook, no programa de texto Word, mediante a autorização da participante ao assinar o Termo de Consentimento livre e esclarecido.

1.4. Instrumentos e a construção das informações

Os principais instrumentos utilizados foram os processos de conversação individual e as poesias interpretadas pela participante nas apresentações teatrais. Contudo, a análise não se ateve somente a esses processos empíricos, sendo estes

relacionados com a vivência nos encontros e discussões temáticas, sempre repetindo-se a liberdade de expressão dos pensamentos, vivências, emoções e posições pessoais do sujeito analisado.

Rey (2005) define por instrumentos toda a situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação que caracteriza a pesquisa. A dinâmica de conversação foi o “indutor” (termo utilizado por Rey) para a expressão da subjetividade dos sujeitos. Este autor afirma que as conversações “geram uma corresponsabilidade” devido a cada um dos participantes se sentirem sujeitos do processo, facilitando a expressão de cada um por meio de suas necessidades e interesses. O pesquisador e o pesquisado refletem, questionam-se, se posicionam; enfim, mantêm-se totalmente ativos no curso das conversações.

Assim, Rey destaca que a conversação é um sistema no qual os participantes se orientam em seu próprio curso e em que os aspectos significativos aparecem na medida em que as pessoas envolvidas avançam em suas relações. Os assuntos não estão, nem podem estar definidos *a priori*, pois cada novo momento do processo pode apresentar uma diferente etapa de sentido subjetivo das participantes.

Concluindo, Rey (2009) afirma que o uso dos instrumentos abertos facilita a expressão do sujeito em toda a sua complexidade e aceita o desafio que implica a construção de ideias e conceitos sobre a informação diferenciada que expressam os sujeitos estudados.

1.5. Questões éticas que foram observadas durante o projeto

Para o desenvolvimento desse estudo, inicialmente, o projeto foi encaminhado para o comitê de ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em

observância às diretrizes da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde [CNS] (1996), atendendo aos seguintes aspectos éticos:

a) Consentimento do sujeito: por meio do termo de consentimento livre e esclarecido, o sujeito autorizou sua participação voluntária na pesquisa, assegurando-se o direito de retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízo ao seu cuidado, bem como o registro das informações

b) Sigilo e anonimato: o sujeito teve assegurada sua privacidade quanto aos dados confidenciais da pesquisa.

c) Benefícios: se os resultados da pesquisa puderem contribuir para a melhoria das condições de saúde da população, serão comunicados aos sujeitos e às autoridades sanitárias, preservando-se a imagem e a auto-estima dos sujeitos da pesquisa.

d) Propriedade intelectual dos dados de divulgação dos resultados: o termo de consentimento livre e esclarecido resguardará aos autores da pesquisa a propriedade intelectual dos dados e a divulgação pública dos resultados.

e) Recursos para lidar com possíveis riscos da pesquisa, a possibilidade de encaminhamento para terapia no Centro de Pesquisa e Práticas Psicológicas [CEPSI] da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quanto ao armazenamento coletado, foi realizado por meio físico e eletrônico de forma que todos os materiais serão cadastrados com siglas ou códigos que garantam o sigilo absoluto da identificação do participante. No que se diz respeito ao armazenamento físico será mantido em armários trancados de acesso exclusivo do pesquisador.

O conjunto de dados será armazenado por um período de cinco anos, após esse tempo todo o material será destruído, segundo orientação da resolução 196/1996.

CAPÍTULO 5

2. RESULTADO E DISCUSSÃO

2.1. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra

Começarei descrevendo a história de **Sempre Viva** que, já no início de sua vida, foi bem confusa, o pai ao registrá-la confundiu o dia de seu nascimento registrando-a no dia 14 de agosto de 1922, sendo que nasceu no dia 22 do mesmo mês e ano. Como eram 16 filhos e ele foi fazer o registro de todos num dia só, aconteceu essa confusão. Como já mencionado, será designada pelo nome de uma das flores mais resistentes do cerrado, a **Sempre Viva**, que mesmo diante das queimadas e secas sobrevive e floresce sempre. Quando foi iniciada a pesquisa tinha menos de um mês que nossa heroína tinha saído da UTI onde ficara por sete dias, e fazia três meses que perdera seu filho mais velho e pouco tempo depois perdera também sua irmã caçula. E mesmo com tudo isso acontecendo, como a flor **Sempre Viva**, exalando seu perfume e beleza estava ela no ensaio, interpretando as poesias de Cora Coralina, uma poetiza goiana (1989-1985).

Rey (2004, pp. 17-25) afirma que associado ao condicionamento social, o indivíduo também tem um papel ativo no seu modo de vida, condicionado pelo nível de desenvolvimento de sua personalidade, pela cultura e por sua experiência, sendo que tudo isso aumenta suas potencialidades de tornar-se sujeito ativo do seu comportamento.

Sempre Viva em sua trajetória de vida provavelmente sempre teve um papel ativo no desenvolvimento de suas potencialidades enfrentando de forma saudável as vicissitudes da vida.

A família morava em uma cidade de Minas Gerais. Eram 18 pessoas vivendo numa casa onde, segundo ela, o pai era o Rei e a mãe a Rainha do lar. Estudou nesta

cidade até o 4º primário e mudaram para uma cidade do triângulo mineiro acompanhando os irmãos mais velhos que foram convocados para alistar no Exército.

Sempre Viva relata: *“E era uma bagunça, meu Deus. Era muita gente, muito filho, muitas responsabilidades, e ali, se um atravessava no fazer do outro, o outro já via discriminado o outro. Meu pai era manso, minha mãe era enérgica, dinâmica, ela queria enfrentar. As vezes entrava em atrito, porque ela pensava o contrário dele e ela ficava contrariada porque ele queria só a opinião dele. Ela não era uma mulher submissa total, ela fazia o dever dela de mãe. Tentava em união dependendo do assunto. Se ela não concordasse ela ia lá e questionava”*.

Uma família que contrariava o *status quo* vigente que era patriarcal, demonstrando ai como foram construídas as relações subjetivas dentro do contraditório existente no cotidiano, possibilitando à **Sempre Viva** gerar vários sentidos subjetivos, entre eles, o de ser autônoma, construtora da sua própria história.

Continuando a conversação **Sempre Viva** se emociona ao falar o que marcou mais sua infância e adolescência:

“O que mais me marcou foi uma tragédia que aconteceu. Um irmão de 4 anos, nós éramos bem livres, a gente saía para buscar frutas no mato, e ai achamos um pé de jatobá, e ai comíamos, botava na boca, o caroço. E um caroço foi para o esôfago, e ele ficou engasgado. E minha mãe muito devota à Nossa da Abadia, fez o voto dela para a recuperação dele. O sentimento que ficou foi de culpa por não ter tido o cuidado com os mais novos. Chamou atenção com os “pescoção e tapas” e puxões de orelha. Chamando atenção dos mais velhos.

Aos meus 14 anos eu não era menstruada, menstruei de 14 para 15 anos. Surgiu a curiosidade, via minhas irmãs, e ficava curiosa com aquilo. E queria saber o motivo, porque isso acontecia com elas, tinha vontade de ver. Era muito sigiloso. Eu era o

patinho feio da família. Sempre fui a mais humilde da família. Eu não importava com a vida, deixava a vida me levar. Elas (irmãs) sabiam da minha fragilidade e foi descobrindo meu ponto fraco: o meu corpo. Eu estava menstruada, o que agora estava ficando público. E como eu estava frágil. Cada uma da sua maneira questionando fortemente. Por que eu ainda não tinha sido menstruada? E eu assustei quando aconteceu, e elas descobriram e começaram a avacalhar minha vida, minha existência.

Na relação com as irmãs eu sempre fui humilhada, meu irmãozinho dormia no mesmo quarto. A mãe colocava a criança dela, e deixava para nós cuidarmos. E na primeira noite que ele passou com a gente no quarto o umbigo dele sangrou, e saiu na fralda. E eu vi, as outras não viram. Eu assustei muito, dei o alarme. E elas, e minha mãe colocaram a culpa em mim, dizendo que eu era culpada. Até que enfim a irmã mais velha (R.) controlou, e disse que cada uma era responsável por uma tarefa da casa. A M.era mais velha, mas ela casou e a R. ficou controlando.”

A forma como **Sempre Viva** enfrentou estas inverdades sobre suas atitudes e comportamentos é compatível com o pensamento de Rey (2003) sobre a saúde psíquica do sujeito, que está implícita como social no momento de subjetivação e não como determinante externo de seus processos individuais. Para este autor, o social assim como o individual são sistemas que se organizam e se articulam a partir de tensões e contradições e não se reduzem um ao outro, integrando-se de forma complexa na categoria subjetividade.

Na história de **Sempre Viva** na sua construção da subjetividade, um fato mudou o rumo da sua história: a morte de seu pai. Relata que, anteriormente o seu tio, irmão do seu pai, convidara para irem a uma fazenda no interior de Goiás, com a promessa de poderem, os primeiros que chegassem demarcar as terras. Assim, foi feito, seu pai demarcou alguns alqueires e tornando-se o dono, construiu um rancho no meio da mata,

e foram plantar vários tipos de culturas, como café, cana de açúcar e arroz. Na construção da casa ao levantar uma madeira pesada começou a sentir dores abdominais, levaram-no para Morrinhos sem qualquer cuidado ele foi submetido a uma intervenção cirúrgica sem sucesso é encaminhado para cidade de Anápolis que também não foi bem sucedido transferindo-o para Goiânia. Ficou fazendo tratamento por alguns anos e por isto tiveram que mudar para o Bairro Botafogo, os irmãos mais velhos ajudaram a manter as finanças da família trabalhando na abertura de ruas na capital recém-criada. Logo veio o falecimento de seu pai, **Sempre Viva** estava com 16 anos.

“Eu comecei a trabalhar na taquigrafia, não existia nem datilografia, nem internet. Aprendi a taquigrafia, ali onde é o correio. Entrei na escola e aprendi a taquigrafia. Trabalhei anos nos correios e telégrafos. Minha mãe caiu em depressão. E aí o que fazer?”. **Sempre Viva** diante destes fatos contraditórios, dicotômicos da realidade. Consegue articular e romper com estas situações que poderiam criar um sentido subjetivo negativo, levando-a a uma atitude propositiva para sair desta realidade adversa (Rey, 2003).

Sempre Viva continua sua saga de superação, muda-se para outra cidade maior e começa a estudar enfermagem (curso técnico) no Colégio Couto Magalhães sendo subsidiada pelo seu irmão mais velho. Indo de férias do segundo ano, para a casa de sua mãe que agora estava morando numa fazenda nas proximidades de uma cidade com poucos habitantes teve uma péssima notícia: não voltaria mais pra concluir seus estudos. Teria que casar com o Sr. Falando de tal o qual já era o escolhido pelo seu irmão, visto que todas as irmãs já estavam noivas ou encaminhadas para o casamento.

“E me obrigaram a ficar na roça, e disseram que as irmãs estão casando, e você terá que casar. E já temos seu futuro marido que se chama “fulano de tal.” E ali foi o

início do meu sofrimento (chora) não sei nem descrever minha juventude. Foi todo mundo parar na roça. O destino desfolhou”.

Neste momento de sua vida **Sempre Viva** não tem meios de reagir a violência imposta por uma cultura machista, em que a mulher deve ser submissa as regras impostas pelo homem. Seu sonho de emancipação é deixado de lado em função da sua condição social em que o homem deve ser o provedor. O sentido subjetivo desenvolvido por ela é de submissão e alienação de seu poder pessoal.

Sempre Viva relata de forma detalhada esta parte de sua vida:

“Cheguei em casa participamos da passagem de ano do dia 31 dezembro para o dia 1 de 1946 e as 7 horas da manhã meu futuro marido apareceu em casa com suas irmãs. Já consciente do casamento. O que eu disse foi só foi bom dia. Ele disse “Esta é minha santinha?”. Minha irmã disse que eu era santa, pois estudava no colégio de crente. Então ele ficou satisfeito. No dia 26 de Janeiro foi o aniversário dele e meu irmão me levou na casa dele, para entrosar com a família sua. Cheguei na fazenda, foi um reboiço grande. A minha sogra me recebeu amargamente, estava ébria, ela bebia sem perdão. Ela aproveitou o ensejo e falou:” é essa que estão dizendo que é para ser minha nora, eu não aceito não. E eu ali escutando com meus irmãos. Ela disse que a Rosa (irmã de Sempre Viva) serve, porque sabe fazer bolo, costurar. E me deixando no escanteio. E assim a conversa continuava. O velho meu futuro sogro, fazendo de tudo para firmar o casamento, e disse que da parte dele eu garantia tudo, podia fazer o impossível. Passou aquele dia, a gente foi embora. Não conversávamos, não namorávamos, não tínhamos convívio.

Meu irmão disse que era para eu aceitar, pois as irmãs estão todas preparando para casar. E eu quero que você também case. Não posso deixar você ficar sozinha com

a mamãe. Eu fiquei muito triste. E o casamento ficou para o dia 25 de abril do mesmo ano. Eu e minha irmã casamos no mesmo dia no civil, não teve casamento religioso.

Depois do casamento fui direto para a fazenda. E ali, naquela coisa sem ambiente. Fiquei sem ambiente. Não tinha conhecimento, eu estava perdida. Quando chegava alguém da família eu ficava melhor. O velho(sogro) preparou uma casinha. Bem no pasto da sua fazenda. Fez uma casa especial e colocou de tudo. Fez com amor, tinha curral, paiol, tinha mangueiro.

E a festa estava acontecendo, muita gente. Amanhecendo até o dia clarear, uma festa grande. Ai ele me chamou e me levou para nossa casa. E ai na entrada da nossa casa. Tive uma decepção, não estava preparada, para entrar no “detalhe”, de forma repentinamente. Senti aquele gesto brutal, bêbado, estava muito ébrio. Ele fez o que bem queria. Foi ali que eu cai em depressão. As nós aqui na nossa casa. Com aqueles linguajar, como se eu fosse uma criação, uma coisa de muito estima. Como se fosse objeto. Obsessivo. Não tinha raciocínio. No ato foi muito violento. Ele já estava bêbado, estava querendo fazendo só o que ele queria.

No outro dia fomos almoçar na sogra. Ela ainda no festejo, muita gente, os familiares. O assunto da minha sogra era a vivência minha e do meu marido. Um zunzum sem fim. Todo mundo envolvido naquele assunto.

*Do dia 25 de abril não foi lua de mel foi **lua de louco**. Ele me usava do jeito que ele quisesse, da forma como queria. Mas eu estava satisfazendo minha mãe, meu irmão.*

Nesse mesmo dia até o final do mês eu engravidei do meu primeiro filho. Eu ficava trabalhando na casa da minha sogra. Eu parecia uma escrava. Eu me senti aquela ajudante forçada. Era aquele “serviço” de roça. Cozinhando para peão. Ela me pondo na frente de tudo. E eu fui entrosando naquele vida escrava. Mas tudo sem

amor. EU nunca tive um beijo. Nem um afeto, nem um abraço. Nenhum aconchego. Era só coisas fora de lógica. Animalesco”.

D’Oliveira *et al.* (2005): “a violência doméstica como violência de gênero representa a radicalização das desigualdades na relação entre homens e mulheres”. **Sempre Viva**, submissa à falta de desvelos do seu companheiro, numa relação de escravidão em que a seus direitos foram violados, busca desenvolver sentido de sobrevivência a esta violência aceitável dentro deste microsistema familiar.

Sempre Viva emocionada relata o que de pior pode acontecer a uma mulher: *“No dia 6 de janeiro de 47 meu filho nasceu. Como meu marido ficava cuidando do curral ele me deixou, mesmo sabendo que eu estava tendo contrações. Ele foi na casa da sua mãe dizendo que eu estava passando mal para criar. Ela pediu que ele fosse na cidade trazer uma aguardente – Ele foi e pôs o remédio no bolso e ficou por lá bebendo falando, falando. E o menino nasceu sozinho. Eu segurei na beirada na cama e o bebe caiu no chão. Eu estava sozinha. Pareceu uma porca parida. Chegaram depois, minha sogra limpou eu e o bebê. Começaram a beber juntos. E foi chegando os parentes. E eu ouvi quando ela disse que o menino não era filho do filho dela, portanto não era seu neto. Eu fiquei com uma paixão. Aquela loucura de gente bêbado falando, falando e me levou para a casa dela. Ali nós passamos dentro da casa dela”.*

Para Rey (2009) emoções associadas à condição de vida do sujeito se integram em sua produção de sentido. **Sempre Viva** sofre mais uma vez violação dos seus direitos e não consegue criar um sentido de autonomia e é submetida às regras impostas por uma cultura machista, aqui corroborada por sua sogra. **Sempre Viva**, com o passar do tempo, vivendo na casa dos sogros, se sentia protegida pelo sogro. Seu marido continuava trabalhando com o pai na lida com o gado. Mas sempre bebendo e se envolvendo com mulheres, às vezes ficando dias na cidade o que incomodava seu sogro.

Na tentativa de dar melhores condições para o filho, seu sogro comprou uma fazenda de porteira fechada com gados e com uma estrutura para o crescimento do filho. Mas não deu certo, ele continuava bebendo e gastando com “mulheradas”. Seu marido solicita ao pai a compra de uma oficina de carpintaria na cidade de A., deixando a fazenda de lado. O pai o apoia na tentativa de que o filho conseguisse acertar na vida. O que não aconteceu, obrigando o sogro a prover a casa de sua nora. Contudo a relação de cuidado provoca ciúmes entre filho e pai, levantando injúrias sobre a relação da nora com o sogro. Ficava de boteco em boteco, dizendo que sua “Santinha” tinha um caso com seu pai. Sua vida ficou falada na cidade.

Sempre Viva, não esmoreceu, como tinha experiência de ter dado aula em Goiânia conseguiu nomeação para ser professora no grupo escolar da cidade.

Sempre Viva, começa a desenvolver outro sentido subjetivo para sua vida, saindo da relação de escrava pra uma relação de possível autonomia levando-a a um processo de desenvolvimento saudável.

Após algum tempo, seu marido encontrou a filha do delegado numa viagem indo para Goiânia e se apaixonou por ela. Segundo o que ficou sabendo ela não sentia o mesmo por ele. O dia inteiro ele ficou nas ruas de A. dizendo iria morrer naquele dia, xingando o pai, chamando as pessoas para seu velório e conversou com sua mãe sobre como queria o seu velório. Comprou o formicida alegando que na fazenda tinha uma infestação de cupim. Chegou em casa pediu para **Sempre Viva**, fazer o macarrão, enquanto ela está preparando ele sai do quarto com um copo cheio de formicida e diz: *“Nega eu te disse que ia morrer, olha aqui”*. Virou o copo bebendo o veneno. Outro momento difícil. Foi acusada injustamente pelos familiares como se ela que tivesse dado o veneno para ele. Não permitiram a ida dela ao velório e teve que dar esclarecimento na delegacia, e provou sua inocência. A partir daí, por algum tempo

ficou excluída da família do seu marido, mudou-se para Goiânia, vivendo do seu trabalho como professora.

Mesmo com todos os percalços no caminho de sua vida, **Sempre Viva** vai construindo sentidos subjetivos que a ajudam a superar as mazelas que a vida vai apresentado.

Após a morte do seu sogro, sua sogra aproximou da sua família ajudando-a. Com os esforços saiu do aluguel e comprou sua casa na Vila A.

Uma reflexão sobre saúde é inseparável da definição da categoria sujeito, pois permite-nos a visualização do modo como a pessoa se coloca em relação aos diferentes processos subjetivos que se organizam ao longo de sua vida.

As coisas foram acertando para **Sempre Viva**, os filhos foram crescendo, continuou no seu trabalho até se aposentar, tentou vestibular para história e não passou, mas sempre fazendo cursos para aperfeiçoar. Ela relata: *“Depois que fiz meu curso normal e estudei, fiquei livre. Fui para a associação dos idosos do Brasil. Fui alfabetizadora, participei das fiandeiras. E fui ser livre”*.

Neste momento **Sempre Viva** vai constituindo e constitui sua história de vida pelas diversas situações que vão ocorrendo em sua vida. No qual o social e o individual cria-se uma tensão permanente. O sujeito representa momento de processos de subjetivação que se organizam de maneira única e singular (Morin, 1996). No caso de **Sempre Viva** uma luta permanente para superação destes contraditórios.

Com estes acontecimentos, **Sempre Viva**, qualifica a sua maneira novos sentidos subjetivos, alterando os sentidos subjetivos iniciais que correspondiam a configuração subjetiva dominante em relação a essa experiência (Rey, 2007). Tornando-se uma mulher independente, autônoma como ela mesma relata: *“fui ser livre”*. Portanto para este autor (Rey, 2011) precisamos superar tanto o individualismo como o

determinismo sociológico, este último centrado nos fatores macrossociais e ignorando o desenvolvimento do indivíduo como sujeito ativo da saúde e dos diferentes espaços sociais onde vive.

Sempre Viva morou sozinha até os 85 anos, mas com a saúde comprometida, preferiu morar com sua filha caçula que a incentiva e protege ao mesmo tempo.

“Estou agora dentro da “SACOLA”. Na casa de A. sinto que estou bem e na casa de D. eu não sinto muito bem, pois eu não tenho como levar a vida que eu levo aqui em Goiânia, ela mora em B. Agora sou controlada pelos filhos. Cada um tem uma opinião. Quando eu estou debaixo de um teto o outro não pode falar nada. Então eu estou ficando só entre as duas meninas. A e D começaram entrar em conflito. Então eu fico com A. que é mais preocupada e me incentiva. E aí eu vou ficando feliz, do jeito que pode.”

Sempre Viva, cria novos espaços para sua produção subjetiva. Diversificando as atividades com recursos subjetivos e das próprias operações sensório-motoras e cognitivas. Mudando as suas ações e comportamentos, beneficiando sua saúde (Rey 2011).

Sempre Viva, abre um sorriso quando vai falar da Cia de Teatro Senhoras do Cerrado, ela está desde o início e sempre assídua desde 1998. Ela descreve que já estava desestimulada na Associação das Idosas, achava que a coordenadora tratava os velhos como propriedade.

“Eu vi a abertura do teatro, eu me vi feliz. E a diretora brigou porque eu fui para a companhia mas fui pois achei que ia ser bem sucedida.

Mudou minha percepção da cultura, entrando em assuntos essenciais; abriu meu horizonte social e cultural, eu entrei de cabeça e sinto que estou sendo útil. É um desenvolvimento especial, pois crescemos culturalmente e emocionalmente,

individualmente. E na conjuntura a gente vai abrindo a cabeça, caminhado para frente, junto com o grupo. Sempre dali para melhor.”

Com a vinda para a Cia de teatro Senhoras do Cerrado, através da convivência no grupo, nos textos dramáticos, discussões sobre as questões diárias, laboratórios teatrais, jogos dramáticos, ensaios, apresentação de peças, a **Sempre Viva** pôde criar novos sentidos de vida, levando a um envelhecimento saudável.

Portanto os sentidos subjetivos representam a integração de uma produção emocional, de uma ação que se organiza em configurações subjetivas a partir dos motivos e necessidades de um sujeito (Rey, 2009). Nessa abordagem torna-se compreensivo que não são os fatos e determinações históricas que irão definir a constituição subjetiva e sim as emoções do sujeito geradoras de significados e sentidos que irão organizar a personalidade.

É importante ressaltar o papel da Cia de teatro Senhoras do Cerrado nesse momento da vida de **Sempre Viva**, quando ela já descrente de onde era voluntária vislumbrou um lugar no qual ela podia ajudar e ser ajudada, contribuindo para sua saúde Psíquica e sempre buscando novos desafios.

A pessoa é produtora de sentidos e está constituída como um sistema de configurações de sentido ao longo de sua história (Rey, 2009), o que nos permite pensar que o processo de imaginação e fantasia, ao tomar emprestados esses elementos reais da experiência social do sujeito, impulsiona o seu desenvolvimento subjetivo, pois integram os seus conflitos, tensões e momentos contraditórios necessários para a configuração de uma personalidade saudável.

Sempre Viva, enche os olhos d'água quando lemos a primeira poesia que mesma interpretou no espetáculo **VIVER**. É uma poesia de Flor Bela Espanca (Espanca, 1997), chamada "Loucura":

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!
Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!
Loucura de esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro de mim

Com voz emocionada ela relata:

“Essa poesia me traz um reflexão sobre o que eu passei na minha vida, durante o meu casamento, isso me traz aquela imagem do passado, que foi ruim mas que eu dei a volta por cima e sai vitoriosa. Quando minha menina nasceu, a A., meu sogro viu que ela não abria os olhos? Ele disse vamos fazer alguma coisa? Bota de molho a arruda, para colocar nos olhos dela. E pingou no olhinho. E disse que era Gonorreia. Levou a bebezinha para o médico o qual ministrou antibiótico para cura-la daquele mal.

A gente viveu aquilo tudo, e hoje passa só de passagem. Alguma coisa fica para a vida, a experiência de que o passado foi tenebroso e mau, foi escuro, mas eu recuperei o meu passado. Trazendo para minha vida passagem mais uteis, deixando de lado o que ficou. E trazendo só coisas boas para o meu presente. Me emociono em saber que depois de tanto tempo de tanta coisa ruim eu superei. E que agora eu sinto que minha vida transformou de uma coisa dolorida, pesarosa, horrorosa, transformou numa flor, desabrochando novos horizontes.”

Sempre Viva consegue se auto organizar (Morin 1996), aprende como ser independente. Contudo, ao mesmo tempo é dependente do meio em que vive, sendo um sujeito que constitui e é constituído pelos diferentes contextos sociais que se formam na sua história de vida, configurando os diferentes sentidos subjetivos associados a esses momentos. **Sempre Viva** desenvolveu um sentido novo do gênero feminino: de submissão total à sua subjetividade social (irmãos, mãe, esposo) à construção de um novo sentido de autonomia pela nova situação social, capacidade subjetiva de superação e empoderamento, levando a sua independência.

Sempre Viva, encontrou no teatro o seu “devir”, como refletido na poesia “Semente e Fruto” (Cora Coralina, 1986), que ela incorporou muito bem em várias apresentações:

Um dia, houve.
Eu era jovem, cheia de sonhos.
Rica de imensa pobreza
que me limitava
entre oito mulheres que me governavam.
E eu parti em busca do meu destino.
Ninguém me estendeu a mão.

Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.

Despojada. Apedrejada.

Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.

E fui caminhando, caminhando...

E me nasceram filhos.

E foram eles, frágeis e pequeninos,

carecendo de cuidados,

crescendo devagarinho.

E foram eles a rocha onde me amparei,

anteparo à tormenta que viera sobre mim.

Foram eles, na sua fragilidade infante,

poste e alicerce, paredes e cobertura,

segurança de um lar

que o vento da insânia

ameaçava desabar.

Filhos, pequeninos e frágeis...

eu os carregava, eu os alimentava?

Não. Foram eles que me carregaram,

que me alimentaram.

Foram correntes, amarras, embasamentos.

Foram fortes demais.

Construíram a minha resistência.

Filhos, fostes pão e água no meu deserto.

Sombra na minha solidão.

Refúgio do meu nada.

Removi pedras, quebrei as arestas da vida e

[plantei roseiras.

Fostes, para mim, semente e fruto.

Na vossa inconsciência infantil.

Fostes unidade e agregação.

Cresceste numa escola de luta e trabalho,
depois, cada qual se foi ao seu melhor destino.

E a velha mãe sozinha

devia ainda um exemplo

de trabalho e de coragem.

Minha última dívida de gratidão

aos filhos.

Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais.

Voltei às origens da minha vida,

escrevi o "Cântico da Volta".

Assim devia ser.

Fiz um nome bonito de doceira, glória maior.

E nas pedras rudes do meu berço

gravei poemas

“Muito bonito, bonito.... Cora traz, uma lembrança nítida e perfeita. Nesse meio termo ai, mesma assim fui vitoriosa. Por que venci. Quando meu marido morreu eu estava com 34 anos, casei com 22 anos. Meu filho mais velho estava com 11 anos e o caçula dois para três anos quando ele suicidou. Foram seis filhos, quatro homens e duas mulheres.

Ela traz uma lembrança concreta da minha vida, bem clara, onde cuidei dos meus filhos sozinha, lecionando. Enfrentando o cotidiano, o dia a dia. A responsabilidade de criar os filhos. Eles também falam em voz alta que foram amparados, moralmente e socialmente por mim. Fico muito feliz com os filhos que tive. Cada um teve dificuldades na vida, mas superaram.

Rey (2005b) afirma que a subjetividade propicia superar a dicotomia entre o externo e o interno, reafirmando uma qualidade diferente, no qual o mesmo sistema tem momentos externos e internos que se perpassam cotidianamente entre si. **Sempre Viva** diante desta poesia “Semente e Fruto “de Cora Coralina, se identifica de fato com a poetiza pois a mesma relata a história de vida da Escritora com seus filhos, e a idosa percebe como foi construindo ao longo dos anos um sentido novo de ser mãe e de ser mulher, avaliando seu papel como mãe e mulher na construção de um novo paradigma, numa sociedade que cobra um papel social de uma família que tenha um companheiro e genitor, para uma família que tem uma só mulher que é ao mesmo tempo , mãe e provedora da subsistência familiar, criando ai um sentido de mulher autônoma, sem dependência afetiva à figura masculina, e mãe sozinha, sem a necessidade de um pai provedor.

Nesse momento **Sempre Viva mostra como** encarou *suas* vicissitudes, e produziu subjetividade, singularidade, buscando sempre sua saúde psíquica.

A Senhora pesquisada relata sobre a finitude da vida no poema Meu “Epitáfio” de Cora Coralina (1986) que ela interpreta no espetáculo **CORAÇÃO DOCE:**

Morta... serei árvore
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira
Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal
Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

Sempre viva confirma seus sentimentos do “devir” esperançoso mesmo consciente de sua finitude em mais um depoimento:

“É que eu fui alguém na vida, mas ainda eu quero ser. Quero dizer, que fui uma vencedora na vida, mas depois de morta eu quero que a minha lembrança esteja viva. O final tem que ser bem bonito. Penso um final glorioso livre de empecilho, é embananou estou sem saída...(sorri) complicou meu final ai porque mesmo depois de morta eu quero ser alguém. Não tenho medo da morte, é uma coisa comum. Na minha vida toda o que desejaria é ter concluído o meu curso de enfermagem, o qual fui impedida na

minha juventude. Teria cuidado das pessoas com muito carinho. Acho lindo a carreira de enfermagem. Mas como professora foi ótimo, foi válido, muito proveitoso”.

Sentir a chegada da morte é uma maneira de experienciá-la, vivida como possibilidade existencial. De fato, da nossa própria morte nada podemos saber, a não ser a própria experiência da finitude, da limitação, da corruptibilidade inerentes à nossa existência. Há vários pensadores que afirmam que o homem não atinge a consciência a não ser pelo enfrentamento da morte. Desde Platão, a tendência básica e tarefa principal da metafísica é “nos lembrar a nossa participação no eterno e nos convidar a superar a contingência e a finitude da vida individual (Dastur, 2002, p. 6)”.

Desde o espanto de Espinosa, declarando a permanência de alguma eternidade no corruptível; de Kant a Hegel, passando por Schelling e Hölderlin, de Husserl a Heidegger, que demonstram que o tempo é o horizonte do próprio ser, o homem tem tentado, através da filosofia, encontrar um recurso para entender a vida, por meio do próprio espanto sobre a morte (Dastur, 2002). **Sempre Viva**, construiu um sentido particular para enfrentar a finitude, utilizando a arte para ser eterna, como retrata a poesia ‘O Epitáfio’ de Cora Coralina, que mesmo morta será lembrada por todos através dos seus poemas e **Sempre Viva** através das apresentações no palco dos textos da poetiza goiana.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando terminamos a conversação **Sempre Viva** disse que gostou muito de ser escolhida para ser a participante da pesquisa por que agora a vida dela nunca mais seria esquecida, pois estaria escrita na dissertação e ficaria gravada para sempre. Em agosto de 2013 apresentamos o espetáculo **CORAÇÃO DOCE**, na cidade de Goiás em comemoração ao aniversário de Cora Coralina. Visitamos o museu de Cora, e **Sempre Viva** ficou da janela da Casa de Cora, olhando para cidade, solicitou que tirasse uma fotografia, porque era a última vez que estaria ali, e seu coração estava alegre de poder estar na casa da mulher, de quem ela interpretou seus poemas, e que a mesma sabia falar tanto da alma feminina. Continuou por mais algum tempo ali, e eu observava seu olhar. E era como ela estivesse absorvendo todo aquele momento para quedar em sua memória.

Diante desta história pode-se observar como a subjetividade de **Sempre Viva** foi sendo construída, através da sua singularidade, emoções, contradições, demonstrando um sujeito inserido no processo de desenvolvimento contínuo. Ela supera suas adversidades, limitações impostas por uma cultura que não respeita a singularidade, mas mesmo assim acima de tudo pôde ser construtora da sua própria história.

Sempre Viva construiu ao longo dos seus 91 anos de existência, nos vários sentidos entre a subjetividade individual e a subjetividade social uma vida em construção e com desejos ainda não realizados como ela mesmo disse: “*gostaria de ter sido enfermeira, mas não me deixaram*”, e o desejo de ainda cuidar de um neto”. Isto

demonstra que o sujeito vai construindo seu sentido de vida ao longo dos anos e mesmo diante da finitude tem o desejo de ir além, de continuar sua história.

Pôde-se observar durante todo o processo de construção deste estudo que através da história da pesquisada junto a CIA e sua história de vida, podemos visualizar e compreender como a subjetividade produzida no decorrer da experiência do teatro gerou sentidos de autonomia, de mais valia e de reconhecimento de suas limitações frente ao seu processo de envelhecimento.

Para tanto, primeiramente busquei na literatura conceitos de artes dramáticas, jogos dramáticos, dramaturgia e teorias sobre envelhecimento que contemplassem a forma como as Senhoras participantes da CIA enfrentavam suas dificuldades frente ao processo de envelhecimento.

Paralelo a isso, encontrei respaldo nos estudos de Rey para a compreensão da subjetividade e dos sentidos subjetivos, os quais me ajudaram a organizar as observações que eu já vinha fazendo, durante esses quinze anos de CIA, em relação a construção de sentidos subjetivos positivos destas Senhoras, diante do processo de envelhecimento.

Sendo assim, emoção, funções intelectuais, linguagem, pensamento, sentidos subjetivos, inter relacionam-se o tempo todo em diferentes espaços sociais, de forma processual, produzindo e reproduzindo novos sentidos, constituindo assim, a subjetividade do sujeito, compreendendo esta como um sistema em constante desenvolvimento.

A feitura deste trabalho é para demonstrar para o leitor que mesmo com todas as adversidades, as senhoras que vêm participando da Cia de Teatro Senhoras do Cerrado encontraram maneiras de viver intensamente suas vidas, produziram uma subjetividade

para envelhecerem de forma saudável. No caso de **Sempre Viva** ao longo dos 15 anos na Cia de Teatro Senhoras do Cerrado pode desenvolver vários sentidos subjetivos de envelhecimento saudável, como a autonomia, reconhecimento de suas limitações, possibilidades, feminilidade e finitude.

É importante ressaltar que tornar aparente algo subjetivo, não é tarefa fácil, e sendo assim, tentei escolher os instrumentos que pudessem facilitar a participante a produção de campos de sentido subjetivo. Diante de tantas informações foi necessário muita atenção nos elementos que emergiam dos instrumentos, e reconheço que alguns dados poderiam ser mais bem analisados, demonstrando assim as limitações deste estudo, uma vez que tais análises esbarram também na subjetividade do pesquisador.

Ao término da elaboração da dissertação de mestrado, os resultados da pesquisa serão submetidos, no mínimo, a dois congressos nacionais e a um congresso internacional, nas áreas de desenvolvimento humano, social e geriatria/gerontologia e os artigos daí derivados encaminhados para publicação pelo menos em uma revista indexada. Serão promovidas discussões na forma de seminários com pesquisadores de áreas correlacionadas sobre os resultados obtidos, para uma avaliação externa dos métodos empregados.

E para encerrar esta dissertação trago uma fala de Simone de Beauvoir, que retrata bem o processo de construção do sentido de vida da **Sempre Viva**:

“A impressão que eu tenho é de não ter envelhecido, embora eu esteja instalada na velhice. O tempo é irrealizável. Provisoriamente, o tempo parou para mim. Provisoriamente. Mas eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro. O meu

passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo. Que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele. O que eu sempre quis foi comunicar da maneira mais direta o sabor da minha vida. Unicamente, o sabor da minha vida. Acho que eu consegui fazê-lo. Vivi num mundo de homens guardando em mim o melhor da minha feminilidade. Não desejei nem desejo nada mais do que viver sem tempos mortos.” (Rowley, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles. (2013). *Da interpretação/Aristóteles; tradução José Veríssimo Teixeira da Mata*. São Paulo: Editora afiliada - Associação Brasileira de Editoras Universitárias.
- Bacelar, R., (1999). *Envelhecimento e produtividade: Processos de subjetivação*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches - Fasa.
- Beauvoir, S. D., (1970). *A Velhice I. A realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Boal, A., (2004). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Brandão, J. D., (1985). *Teatro grego: tragédia e comédia*. Petrópolis: Vozes.
- Buss, P.M., (2000). *Promoção da saúde e qualidade de vida*. Revista: Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.163-177, 2000.
- Caldeira, T., & Holston, J. C., (1999). Democracy and Violence in Brasil. In: *Comparative Studies in Society and History* (pp. 691-729).
- Capra, F., (1982). *Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F., (1996). *A Teia da Vida*. São Paulo: Cultrix.
- Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde [CNS] (1996). *CNS Resolução 196/96*. Brasília.
- Coralina, C., (1996). *Poemas dos Becos de Goiás e Histórias Mais*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Dastur, F., (2002). *A morte: ensaio sobre finitude*. Rio de Janeiro: Disel.
- Debert, G.G., & Oliviera, M.L.C., (2009). *O idoso, as delegacias de polícia e os usos da violência doméstica*. In: Moraes, Aparecida F. & Sorj, Bila (orgs.). *Gênero, Violência e direitos na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Letras Editora Aristóteles. (1993). *Poética de Aristóteles*, São Paulo: Ars Poéticas.
- Espanca, F. B., (1997). *Poemas de Flor Bela Espanca - Maria Lúcia Dal Farra*. São Paulo: Martins Fontes.
- Goffman, E., (1959). *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Doubleday & Co.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2011). *Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil*. Base 2009. Rio de Janeiro.

- Koudela, I. D., (1984). *Jogos Teatrais Coleção Debates*. São Paulo: Perspectiva.
- Lenoir, R., (1979). *L'invention du troisième âge et la constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse*. In: Actes de la Recherche em Sciences Sociales, n.26-27)
- Lopes, T.R., (2004). *Os melhores poemas de Fernando Pessoa*. Global. São Paulo.
- Lopes, R.G.C., (2005). *Século XXI: Os velhos ainda precisam ser "indignos"?* In B.Corte, E.F. Mercadante; I.G. Arcuri (Org), *Velhice envelhecimento complexo (idade) psicologia, subjetividade, fenomenologia, desenvolvimento humano* (pp.83-92). São Paulo: Vetor.
- Ministério das Relações Exteriores [MRE],(2013). *Documentos Legais*. Brasília.
- Morin, E., (1996). Espistemologia da complexidade. In D. F. Schintman (Org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp.274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neri, A. L., (2001). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus.
- Neubern, M.S., (2005) *A subjetividade como noção fundamental do novo paradigma: breve ensaio*. Em: F.L González Rey (Org(s).), *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp.52-79). São Paulo: Thompson
- Rey, F.G., (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia. Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Rey, F.G., (2004). *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Thompson
- Rey, F. G., (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade. Uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson.
- Rey, F. G., (2003). *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning.
- Rey, F. G., (2005a). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade - Processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning.
- Rey, F. G., (2005b). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thomson Learning.
- Rey, F. G. (2009). *O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.
- Rey, F. G., (2011). *Subjetividade e saúde*. São Paulo: Cortez Editora.
- Rowley, H., (2006). *"Tête-à-Tête"*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva
- Santos, W. G., (1979). *Cidadania e Justiça*. Rio de Janeiro: Campus.

- D'Oliveira, A.F.P.L.; Falcão, M.T.C.; Figueiredo, W.S., & Schraiber, L.B., (2005) *Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Editora UNESP.
- Spolin, V., (2010). *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva.
- Stanislavski, C., (2012). *A preparação do ator*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Stoppe, A. J., & Vaughan, E. M., (1999). *Viva bem a velhice: Aprendendo a programar a sua vida*. São Paulo: Lemos.
- Vasconcellos, L.P., (2009). *Dicionário de teatro*. Porto Alegre: LPM Editores
- Yves Lavandier, Y., (1994). *A dramaturgia: A arte da narrativa*. Paris: Edições Le Clown et.